

A Seita

Sou acordada bruscamente pelo meu marido, Thomas, com quem divido minha casa, minhas contas e minha vida há quatro anos. Embora não seja muito carinhoso, é lindo mesmo com sua barba por fazer, seus olhos azuis marinhos brilhantes, seus cabelos castanhos e seu sorriso de príncipe encantado.

"Acorde Helena, já está na hora. Temos que ir." - diz Thomas me apressando enquanto me balança na cama de um lado para o outro.

Resmungo na tentativa de que pare de me balançar na cama, como uma criança brincando de massinha, ele me dá uma última sacudida e vai se vestir no banheiro. Sento-me na cama com os olhos semicerrados, olheiras profundas e rosto marcado após uma péssima noite de sono, agarro meus óculos no criado-mudo ao meu lado e checo em meu celular que horas eram. Já são 06h30min da manhã, são aproximadamente treze horas de viagem, iremos a uma casa de praia da minha tia Cláudia que perdera o marido há pouco tempo e precisava de companhia. Era um lugar lindo, com a vista do mar frente a casa, lembro-me de quando era pequena e descia as escadas com euforia, pegava alguns petiscos enquanto passava pela cozinha, saía casa afora, pegava minha prancha de surf e tentava alcançar meu tio que cortava as ondas com sua prancha com tamanha destreza e quando finalmente o alcançava, os olhos de minha tia fitavam-me com muita alegria enquanto acenava da praia.

Thomas sai do banheiro quando já estou quase terminando de me trocar, visto uma camisa florida, minha calça jeans branca preferida, minha sandália bege com saltinho e meu colar de conchas que minha tia Cláudia havia me dado. Enquanto Tom e eu colocamos as malas, que havíamos preparado noite passada, no carro. Diversos pensamentos invadiam minha mente me deixando ansiosa e inquieta, o que causara minha insônia essa noite, faz muito tempo que não vejo minha tia e não via a hora de chegar à casa de praia, enchê-la de beijos e ensinar meu Tom a surfar.

Era por volta das 8 horas quando saímos de casa, com o caminho traçado, rotas e pausas definidas, tudo planejado e conferido ao menos três vezes para que nada desse errado e não ocorresse nenhum imprevisto durante a viagem. Após quatro horas trafegando por intermináveis pistas de asfalto quente, paramos em uma cidadezinha para abastecer o carro e almoçar num restaurante local na entrada da cidade, a comida não era lá essas coisas, mas era capaz de nos satisfazer para aguentarmos mais algumas longas horas pela frente. A estrada era deserta e longa, quilômetros e quilômetros de uma faixa negra se estendia pelas planícies desertas à minha frente, não havia nenhum sinal e nenhum resquício de vida humana naquela região, uma área seca, deserta, quente e desagradável, somente algumas plantas e répteis rasteiros sobreviviam à tamanha devastação. O silêncio era quebrado pelo zumbido do motor e o rodar dos pneus que

atravessavam os vidros do carro, mesmo que fôssemos casados, não tínhamos assuntos para conversar o dia inteiro o que causava certo constrangimento a nós dois enquanto estávamos confinados naquele carro.

Após centenas de quilômetros, diversas árvores começavam a cobrir a estrada, uma floresta densa e verde, agora quebrava aquele clima seco e árido em que nos encontrávamos. Troncos grossos, folhas largas, vegetações gramíneas, arbustos nos cercam ao longo da rodovia. Pouco antes da nossa segunda parada, encontramos um veado no meio da estrada bloqueando nossa passagem e ele era lindo, com um ar imperial e majestoso, nos olhava com seus olhos mansos e desconfiados e ao som da buzina apertado por Thomas o animal saiu em um só pulo da nossa frente completamente aterrorizado, coitado. Chegamos ao posto da beira da estrada às 16 horas, tomamos café da tarde, descansamos um pouco e retornamos à estrada duas horas depois.

Era terrível como o tempo não passava enquanto estávamos viajando, as horas viravam anos, os minutos viravam meses e os segundos viravam dias, enquanto o tempo não passava eu resolvia matar meu tédio jogando em meu celular, não demorou muito para que a bateria acabasse. Minhas pernas dormentes doíam o tempo todo devido à postura inadequada e por não poder movimentá-las. Pouco tempo depois de sairmos do posto, o sol havia se escondido por detrás do horizonte, agora os céus já escureceram e as estrelas começavam a mostrar seus primeiros raios de luz no azul do céu. Já era noite e mal conseguira dormir na noite anterior, tentei aguentar firme e alerta, mas meus olhos foram fechando lentamente, minhas pálpebras ficando mais e mais pesadas até que, sem perceber, acabei dormindo enquanto Tom continuava a dirigir pela estrada a fora.

De repente senti uma dor insuportável, minha cabeça doía agonizantemente assim como todo o meu corpo que fervia em dor, fazendo com o que eu despertasse de meu sono profundo, quando abri os olhos me deparei com o carro fora da pista, estava claro que havíamos sofrido um acidente, olhei ao meu redor para me dar conta do que havia acontecido e não havia visto Thomas, olhei da ponta do meu pé até o último fio de cabelo à procura de algum ferimento. Por sorte eu havia colocado o cinto de segurança e agora tive apenas alguns ferimentos leves e durante o acidente, devo ter batido minha cabeça no painel à minha frente o que deve ter causado a grande enxaqueca que sinto agora, abri o porta-luvas do carro à procura do meu celular para chamar a emergência quando me dei conta de que a bateria tinha se esgotado durante minha jogatina. Decidi pegar minha lanterna em minha mochila do banco de trás, sair do carro e ir ao encontro de Tom, ao sair percebi que o carro não bateu em nenhuma árvore, apenas recebeu alguns vários arranhões e retrovisores quebrados, dando uma volta ao redor do carro e gritando seu nome enquanto aguardava uma resposta, notei que não havia nenhum corpo e nenhum sinal que pudesse confirmar sua localização.

Após quase meia hora de buscas intensas em todas as direções, adentrando florestas, cambaleando entre as árvores à procura de Thomas, voltei ao carro e observei pegadas que levavam da porta do motorista a uma pequena trilha da floresta, pensei comigo

mesma que Tom poderia ter acordado primeiro e ter ido pedir ajuda, mas não havia somente um par de pegadas e sim pegadas de pelo menos cinco pessoas, todas levavam para o mesmo lugar. Desesperada em conseguir ajuda, segui os passos até a trilha da floresta, era uma trilha curta e de difícil acesso, facilmente alguém se perderia por ela se não prestasse atenção. Andei, agachei e rastejei trilha adentro por aquela mata densa e cheia de pernilongos insuportáveis. Após uma longa caminhada, pude ver à frente um muro, uma casa, uma construção, várias casas, me perguntei se seria finalmente uma cidade para que possa pedir emergência e esperando que minhas esperanças se tornassem realidade, corri o mais rápido que pude em direção àquela remota civilização.

Deparei-me frente a frente com um muro vermelho que se estendia por metros e metros, um portão de madeira velho e desgastado se encontrava a minha frente com uma fechadura e alguns detalhes em metal enferrujados pelo tempo e antes que seguisse as pegadas para dentro da propriedade notei que ao lado do portão havia uma placa escrita: "Centro religioso Mapu Huni, criado em 1813", era um local antigo e parecia não receber visitas há anos, os muros e o portão foram quase que tomados completamente pela vegetação, um vento frio vindo da floresta sussurrava em meus ouvidos, ouvia-se apenas o ranger dos portões e nenhum som vindo de dentro daqueles muros, um frio na espinha percorria todo o meu corpo dominado pelo medo do desconhecido.

Como um grupo de pessoas poderia ficar escondido de quaisquer tipos de civilização? Como elas poderiam ficar sem nenhum contato humano? E será que realmente há pessoas lá dentro? Onde está Thomas? Essas eram perguntas sem respostas que, provavelmente, só encontraria solução lá dentro. Com medo do que poderia encontrar lá dentro e o que poderia acontecer se fosse pega no flagra invadindo o local, acabei batendo no portão com força suficiente para ser ouvido por qualquer um e ao mesmo tempo não para ser ecoado floresta a fora, mas não obtive resposta, bati mais algumas vezes e gritei por socorro, uns minutos depois ouvi, para meu alívio, o arrastar de pés no chão e o ecoar das chaves. Estava salva, finalmente salva e poderia encontrar Tom que desaparecera do carro, ele estava em algum lugar lá dentro, tenho certeza.

A chave girou naquela velha fechadura e então o portão se abriu, uma velhinha me atendeu sem nenhuma reação, fechou o portão atrás de mim e fez alguns gestos para que a seguisse, ela usava um vestido comprido e cabelos castanhos meio grisalhos amarrados por um coque impecável, seu rosto amistoso e seu jeito fofo convenceu-me a segui-la aonde ela fosse, passamos primeiramente por uma espécie de pátio central, seguimos por uma ruazinha extremamente limpa, viramos algumas esquinas até chegarmos a uma casa. A velhinha me entregou uma chave, apontou para a casa, se virou e foi embora, enquanto caminhava eu fazia algumas perguntas a ela, mas nunca obtinha respostas, ela permanecia em completo silêncio o tempo todo.

Com a chave em mãos, fui até a casa e abri a porta da frente. O Centro religioso Mapu Huni era muito semelhante a um condomínio, várias ruas impecavelmente limpas com inúmeras casinhas idênticas umas às outras enfileiradas, com um pequeno jardim na

frente, não pude observar muito mais que isso, pois já era tarde e estávamos em completa escuridão exceto pela luz de minha lanterna e o brilho da lamparina da velhinha simpática que agora dobrava a esquina enquanto ia embora.

Adentrei a casa e liguei os interruptores, era uma casa aconchegante e nada mal para um centro religioso abandonado, suas paredes eram pintadas de um bege claro, não possuía nada além do necessário como banheiro, quarto com uma cama e cozinha com algumas frutas preparadas e água. Seduzida pela fome, não resisti e acabei comendo quase todas as frutas que estavam sobre a mesa da cozinha, entrei no quarto, deitei-me e acabei caindo em sono profundo. Depois de tantas horas de viagem, de sofrer um acidente, caminhar por longas estradas abomináveis e permanecer até tarde acordada, fiquei completamente exausta. Após uma longa noite de sono, acordei com o raiar do sol de manhã, já deveria ser por volta das sete horas, não tinha certeza pois meu relógio de pulso fora destruído no acidente e meu celular estava sem bateria, mesmo com o meu carregador, aquele lugar não possuía nenhuma tomada e nem energia elétrica se não fosse pelas lâmpadas que iluminavam a casa à noite.

Pouco tempo mais tarde, alguém bateu em minha porta, ainda bem, pois já estava na hora de algumas explicações. Aproximei-me e novamente alguém bateu em minha porta, abri-la e a mesma velhinha de ontem estava a minha espera, dessa vez com um vestido longo e verde com o desenho de pequenas margaridas na altura do peito esquerdo. Ela estava parada à minha porta feito estátua, não dizia uma palavra, então a cumprimentei.

"Olá senhora, bom dia! Vamos entrar..." - disse educadamente.

Não obtive resposta. Ela não teve reação e nem se moveu, comecei a achar que talvez ela tivesse algum problema que a impedia de ouvir ou responder, mas isto seria impossível já que ela havia ouvido meus pedidos por socorro e as batidas ao portão.

"Por que não me responde?" - perguntei curiosa.

"Bom, meu nome é Helena e o seu?" - me apresentei.

Ainda assim ela não me respondia, continuava parada a minha porta, apenas existindo, com um olhar amedrontador e um falso sorriso, então ela disse tão baixo como um sussurro.

"Venha comigo e fique em silêncio..." - respondeu-me e em sussurros extremamente baixos, continuou "Você precisa ir embora daqui, fuja o mais rápido que puder"

"O que? Mas por quê?" – respondi com estranheza, mas ela não me respondeu, apenas virou-se e caminhou esperando que a seguisse.

Eu não fazia a mínima ideia de para onde nós íamos, ela apenas ia me conduzindo por entre as ruas sem movimento, pelas salas e corredores vazios, vez ou outra se via uma pessoa vagando por aí e assim que ela nos via, andava cabisbaixa enquanto ignorava

nossa presença. Pouco depois, chegamos a um tipo de prefeitura do Mapu Huni, era uma construção gigante toda branca, com traços suaves que o enalteciam e clássica arquitetura colonial.

Minha companhia, que até agora não havia dito seu nome, deixou-me em frente à sala denominada "A Superiora Sra. Clotilde", parecia que agora era eu mesma por minha conta e risco, entrei na sala e me deparei com uma Madre, pelo nome na porta deveria ser a Madre Clotilde, ela estava sentada em uma poltrona atrás de uma mesa, sua sala era cheia de referências religiosas e possuía livros por todos os lados, em sua maioria religiosos também. Apontou-me uma das cadeiras do outro lado da mesa e com uma voz mansa e serena disse em voz alta.

"Sente-se, não se acanhe! Eu sou Clotilde McCarthy, pode me chamar só de Clotilde mesmo" - disse com uma risadinha no final enquanto eu me sentava à sua frente.

"P-Prazer, e-eu me chamo Helena, Helena Peres" - respondi um pouco nervosa.

"Bom, Helena..." - disse em tom sério.

"Eu sou, basicamente, a chefe deste santuário, sou responsável por tudo que aqui acontece. Fui relatada ontem de que você apareceu em nossa porta buscando ajuda, e nós a atendemos, então..." - disse enquanto seus olhos fitavam-me por sobre os óculos.

"O que a trás aqui?" - perguntou de modo ameaçador e com um ar de superioridade.

Algo naquele ambiente não me agradava, talvez fosse o ar frio ou o modo como aquela velha me olhava, mas eu me sentia incomodada e por mais que tentasse, não conseguia confiar nela.

"E-Eu bati... houve um acidente com meu carro... encontrei uma trilha e parei aqui... não me lembro de nada antes do acidente..." - menti para que não soubesse que vim pelo Thomas.

"Ok..." - assentiu desconfiada

Ela se levantou, foi até uma pequena mesinha no canto da sala e serviu-se uma xícara de chá, ela me ofereceu, mas eu neguei e então continuou.

"Talvez você não saiba como funciona as coisas por aqui, pois bem, este é o Centro religioso e santuário Mapu Huni, como já lhe disse, eu comando tudo que acontece neste ambiente, não utilizamos energia elétrica a não ser que seja extremamente necessário e todas as pessoas que vivem aqui são devotas e por isso fizeram votos de silêncio..." - explicou-me

"A não ser que tenham meu consentimento, elas estão proibidas de falar qualquer coisa dentro deste santuário..." - continuou.

"Que bom que a senhora permitiu à velhinha que me trouxe falar comigo hoje de manhã, este silêncio me deixava louca" - eu disse.

A Madre Clotilde cuspiu seu chá sobre os papéis da mesa que nos separava e em um estado de fúria, disse enquanto socava mesa quase derrubando sua xícara, provocando um barulho estrondoso.

"COMO ASSIM ELA OUSA ABRIR A BOCA SEM MINHA PERMISSÃO?" - gritou com raiva.

Clotilde se levantou da poltrona, se posicionou de frente à janela da sala, que dava pra ver todo o Mapu Huni, quase de costas pra mim. Percebi do ângulo onde eu estava que ela estava tentando se acalmar enquanto sussurrava algumas coisas em latim como "cru... sacra... dux... draco", depois de um tempo cansei-me de tentar decifrar o que ela dizia.

"Bom, obrigado pela ajuda!" - disse com um sorriso de orelha a orelha e um olhar impiedoso, seus olhos brilhavam como brasas e seu sorriso lembrava os sorrisos dos loucos genocidas dos filmes de Halloween.

"Nós vamos ligar para a emergência da cidade mais próxima, enquanto isso vamos a hospedar em nosso Centro, lhe daremos comida, roupas adequadas e o que estiver ao nosso alcance. Está liberada" - concluiu.

Ao sair de lá, senti-me mais aliviada de toda aquela pressão, porém com um peso na consciência por ter entregado a velhinha que me recebeu no santuário, ela era doce, meiga, simpática e muito fofinha, me lembrava a minha tia Claudia. Ela tinha cheiro de rosas e sabonete para bebês, espero muito não tê-la causado algum mal ou a feito levar uma bronca da Madre que me pareceu uma mulher rígida, exigente, ameaçadora e impaciente. Suas regras jamais deveriam ser quebradas e seus limites nunca testados.

Ao chegar a casa, havia algumas coisas sobre minha cama e ao dar uma olhada melhor, notei que eram alguns presentes para que eu me ajustasse e me aproximasse das outras pessoas, embora fosse estritamente proibido conversar dentro do santuário. Em minha cama havia alguns vestidos longos, uma bíblia juntamente com um terço, um cronograma de tudo que acontecia, como hora do jantar, hora do almoço e também uma carta de boas vindas. Todos os dias, vestia um de meus longos vestidos coloridos e ia caminhando até o refeitório do Mapu Huni almoçar e jantar, como não havia televisão ou celular em casa, matava meu tempo lendo livros. As comidas do santuário eram deliciosas, mas a hora da janta era um pouco estranho, notei que sempre que pegava minha comida, a cantineira me dava um pacotinho com açúcar para colocar em minha bebida e não me deixava em paz até que ela me visse colocando o açúcar no meu suco, após jantar eu sempre ficava com muito sono e acabava dormindo cerca de uma hora depois.

Todas as pessoas do santuário eram legais comigo, mesmo que não pudessem falar, mas não conseguia tirar da cabeça a ideia de que havia algo errado. Não era de costume que eu dormisse tão cedo após o jantar, eu gostava de ficar acordada até tarde da noite trabalhando e por mais que tentasse, não conseguia ficar acordada até tarde no

santuário lendo como normalmente faria. Tinha algo que não me deixava ficar acordada e alguma coisa me dizia que era aquele açúcar... Eu não era a única pessoa que bebia suco, mas sempre era a única que era obrigada a adoçar o suco e tinha certeza que à noite, podiam-se ouvir vozes, não muito altas, mas o suficiente para escutar de dentro da minha casa pouco antes de começar a dormir e além das vozes, pude ver também diversas luzes que invadiam minha casa pelas frestas das cortinas e janelas.

Mesmo que não tivesse certeza se estavam me dando tranquilizantes para beber e me fazer dormir a noite inteira, decidi que naquela noite não tomaria meu suco, e assim o fiz. Quando chegou a hora do jantar, peguei meu prato de comida, algumas frutas, um guardanapo e meu suco, sentei-me de frente a janela do refeitório, tornando minha tarefa de jogar a comida fora mais fácil, eu não poderia simplesmente não comer, pois alguém poderia perceber e iriam criar suspeitas e se isso acontecesse, logo estaria fora do centro religioso e não conseguiria achar o Thomas. Quando ninguém estava olhando, eu simplesmente joguei todo o suco fora, inclusive a comida, comendo apenas as frutas que havia pegado.

Após a hora do jantar, me senti completamente mais viva, tinha energia de sobra e facilmente conseguiria ficar acordada a noite inteira lendo, se quisesse, mas decidi usar todas as minhas energias para descobrir de onde estavam vindo aquelas vozes e onde todas estas pessoas estariam escondendo o Tom, aquela noite não foi como outras qualquer, uma camada grossa de neblina caiu sobre o santuário fazendo-o ganhar uma cara macabra, não havia nenhum som a não ser o das corujas e grilos que tocavam uma doce sinfonia que quebrava o silêncio daquela noite escura. Já estava para perder as esperanças de descobrir o que eram aquelas vozes quando de repente ouço o tinir das dobradiças de metal dos meus vizinhos, quebrando o silêncio da noite e interrompendo a bela sinfonia, este som aguçava meus ouvidos e mais ainda minha curiosidade que me fizeram ir até a janela checar o porquê de suas saídas noturnas às duas horas da madrugada. Olho pelo vidro e percebo que todos os moradores haviam saído de suas casas naquele mesmo horário, estavam todos com vestes longas e brancas segurando velas, e alguns com lamparinas, em uma das mãos. Eles marchavam na mesma direção, todos enfileirados e, um por um, iam passando pelos vidros de minha janela, quando o último deles passou, abri minha porta e passo por passo caminhava pela varanda em completa discrição, cada passo mais sorrateiro que o outro e, assim, eu caminhava pelas tábuas da minha varanda, com o último morador vestido de branco a uns dez metros de distância, continuo andando sem fazer o mínimo de barulho, quando repentinamente piso em uma das tábuas frouxas gerando um grande rangido que ecoa por entre os moradores, pelo santuário e floresta a fora.

O último morador da fila para de andar, vira-se em minha direção e aponta sua vela de encontro a mim, por sorte, fui salva pela densa névoa daquela noite impedindo-o que me visse, ele se aproxima mais um pouco e ainda assim não consegue me ver, pois a noite era escura e a névoa tão densa que era quase impossível de se ver um palmo à sua frente. Ele volta para sua fila e continua marchando, não valia a pena conferir suas paranoias e chegar atrasado aonde quer que fosse para receber uma bronca da Madre

Clotilde, vou logo atrás dele seguindo uma fileira enorme de pessoas de branco com velas nas mãos, semelhante a uma procissão, me escondo por entre as casas sorrateiramente até que chegamos ao pátio central, o primeiro lugar que havia visto quando cheguei ao santuário. Todas as fileiras de pessoas se reuniram no pátio formando círculos gigantes, em volta de alguma coisa que não conseguia ver por causa da densa névoa que pairava no ar, transformando o clima do ambiente em algo amedrontador.

Ver todas aquelas pessoas se reunindo, vestindo aquelas roupas e segurando aquelas velas, me causava um grande enjoo, pois era uma cena completamente aterrorizante semelhante às reuniões da Ku Klux Klan que via nas gravuras dos livros de história. Em uma das extremidades do círculo central, que era envolto por mais outros quatro círculos maiores, estava a Madre Clotilde McCarthy, eu não entendia o que estava acontecendo ou por que estavam se reunindo, mas um péssimo sentimento invadia meu corpo e tomava conta de mim, a Madre toma partida, pede silêncio e começa a falar.

"SENHORES, ESTAMO-NOS... VEZ PARA OFERECERMOS... MAGNÍFICOS" – ela dizia de modo que todas as pessoas ali pudessem ouvir com clareza, mas não eu, pois estava muito longe.

Eu precisava escutar o que ela estava falando, eu precisava saber por que eles se reuniam todas as noites, então decidi me aproximar... O medo sucumbia meu corpo, minhas pernas tremiam, meu coração acelerava e quanto mais eu me aproximava mais podia ver com clareza, havia algo nos centros dos círculos, coisas no chão.

"SE ALEGREM MEUS SENHORES, HOJE... HISTÓRIA" – continuou Clotilde.

Um nó na garganta, um sentimento estranho e ruim... As figuras no chão se pareciam com pessoas, sim, eram pessoas e eu podia vê-las agora, à medida que me aproximava.

"OFERECEMOS-TE HOJE SENHOR..." – gritava a Madre.

Um calafrio percorreu todo o meu corpo quando avistei no chão... Meu marido Thomas e ao seu lado, a doce e gentil velhinha que me recebeu no santuário.

"OFERECEMOS-TE, O SACRIFÍCIO PERFEITO" – gritou Clotilde McCarthy seguida por diversas gargalhadas.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Helena, ela não podia acreditar no que estava acontecendo, estava em estado de completo choque.

"OREM MEUS IRMÃOS, INVOQUEM NOSSO SENHOR..." – finalizou Clotilde.

Todas as pessoas elevaram seus olhares aos céus, abriram seus braços de forma a ficar perpendiculares ao corpo, seus olhos estavam revirados, suas pupilas haviam sumido restando apenas o branco diabólico em seus olhos. De suas bocas saíam palavras, não palavras normais, mas palavras irreconhecíveis, todos ao mesmo tempo em coro invocando alguma coisa. Os corpos do centro, encontrados no chão, passaram a brilhar

alguns segundos depois, de suas bocas saíram bolas incandescentes que flutuavam no ar e os corpos agora permaneciam obscurecidos, como se a luz que os faziam brilhar tivesse saído de suas bocas e se tornado uma pequena bola de luz flutuante. Helena, se encontrava a distância, ajoelhada aos prantos por perder seu marido, vendo toda aquela cena, correu em direção às luzes a fim de recuperar Thomas e o trazer de volta. As bolhas, tão brilhantes dançavam no azul escuro do céu acima da cabeça dos moradores, bailavam na sinfonia suave dos ventos que sopravam até que elas se encontraram, fundindo-se, transformando-se em uma só bolha, tão brilhante quanto o sol. Helena corria com todas as suas forças, as lágrimas caíam de seu belo rosto resplandecente frente aquele show de luzes, suas pernas doíam, seus olhos ofuscados pela tamanha luminosidade a sua frente e a extrema fome que sentia, mas ela não ligava, precisava se concentrar em resgatar seu marido, trazê-lo de volta. As luzes agora eram uma só, girando e se contorcendo no ar, uma estrela brilhante, na frente de Helena, elas iam crescendo e brilhando e, à medida que a bolha de luz crescia, a sua luz ficava mais intensa. Helena continuava a correr, cada passo mais difícil do que o outro, naquele momento provavelmente já estava cega, a luz insuportável da estrela dançante queimara suas pupilas, incendiaram seus olhos. Ela continuava andando não importa o que acontecesse até que sem perceber, pois já não mais enxergava, Helena mergulha para dentro da bolha, adentrando aquelas luzes cintilantes. Sua vida se refletiu por alguns segundos, ela sentiu-se com medo, e ao mesmo tempo, uma sensação de dor e angústia veio em seu peito, a última coisa que ela pôde fazer, foi soltar um grito, com uma mistura de sentimentos, que mais parecia um grito de tortura, sua mente se esvaiu em meio a bolha tornando-a mais e mais brilhante.

Da floresta, era possível ouvir seus gritos de agonia ao som dos moradores em coro que louvavam e invocavam seu deus. Talvez tudo que Helena precisasse fosse alguém para ouvir seus prantos e ir ao teu encontro a salvar, mas numa região tão inóspita e inabitável como aquela, dificilmente alguém ouviria seus clamores.